

fars

BETO VIANNA é professor de línguas portuguesas, não sabe falar farsi, toca (mal) o violão e o ukulele, estuda a linguagem dos animais e das plantas, é pai de Tábata, Ariel, Pepe e Feliz, e avô de Fabíula, Bela, Uirá, Rodrigo, Gael e Inácio.



“talvez amemos as coisas, não como elas são, mas como as imaginamos. e o que se imagina, e não é, não há no mundo”. gaumata leu essas palavras, ou sonhou que as lia, ou imaginou ter sonhado que as lera, ao acordar nesse dia já ferozmente quente, apesar do cedo da hora. levantou-se, lavou o rosto e ainda mergulhado na penumbra do quarto, preparou o sharbat matinal, com água de rosa, leite de égua, amêndoas e mel. bebeu com gosto e um pingo de culpa (refrescar-se não é aliviar a queadura, meia-fonte da verdade do corpo?). afastou as cortinas e deu as duas faces ao claro e ao calor, fontes gêmeas da verdade solar. esgueirando-se como um ladrão (como um dozd) pela janela, a luz se acomodou na modesta habitação de gaumata, aclarando as paredes de barro, o baú de faia, o estrado de cipreste (reacendendo o seu aroma de verdade) e a escrivaninha de sândalo, onde se amontoavam – o sol nos revela –, em desordem, várias tabuinhas de argila, umas nuas, outras cruas, outras cozidas e vestidas de signos. o mago abriu a porta e inundou o quarto de luz. não se começa um dia com meias-verdades, ou ao meio-dia. começa-se o dia antes: antes do zênite da verdade e antes do zênite do dia. o dia começa quase de mentirinha. gaumata é um mago de pouca idade, pela régua que mede a idade dos magos. não está no zênite da vida, e nem no zênite da verdade. gaumata é um mago do devir. vestiu as calças e a gaunaca, calçou as chinelas, pegou a bolsa e saiu.

as ruas de pasragada estariam desertas àquela hora de qualquer outro dia, mas não do dia de hoje, véspera do noruz, quando o dia e a noite duram o mesmo ciclo. é de manhãzinha e já se entrevê um movimento aqui e ali, um mercador começa a montar a tenda, um guarda estica a ronda da madrugada, uma cadela fareja a janela da confeitaria, uma mosca é atraída pelos suores do mercador, do guarda, da cadela e da confeitaria. em poucas horas, as ruas de pasragada se enxamearão de gentes e bichos grandes e pequenos, junto ao desfile de vassalos

do rei dos reis, soberanos dos quatro cantos do mundo, sátrapas das mais distantes províncias do império e cães dos mais veneráveis clãs e seus séquitos de sábios, sacerdotes, secretários e soldados, de ministros, médicos, metafísicos e músicos, de escribas, engenheiros, eunucos e escravos, de cavalos, carneiros, carpinteiros e cozinheiros, de cabras, concubinas, carregadores e camelos. hoje, as ruas de pasragada serão tomadas por caravanas de convidados ilustres, enviados oficiais, negociantes estrangeiros e exóticas bestas de carga a atropelar os caminhos da pedestre população local e sua procissão de agricultores, artistas, adivinhos e alquimistas, de andarilhos, aleijados, assassinos e aproveitadores, de comerciantes, criados, crianças e cafetões, de curandeiros, coveiros, carrascos e condenados, de pastores, pedreiros, poetas e profetas, de peregrinos, penitentes, pecadores e pedintes, de pobres, palhaços, putas e punguistas, de devotos, dançarinas, doentes e delinquentes. de dozdhã. seja no caminho da arta ou da drauga, da pureza ou da libertinagem, hoje, aqui em pasragada, todos serão amigos do rei.

ao meio-dia, com o sol bem acima das cabeças, cambujia (a quem os bárbaros chamam cambises), rei dos reis, rei de anshan, rei do universo e rei dos quatro cantos do mundo, reunirá a corte à sombra do mausoléu de curush, o grande (a quem os bárbaros chamavam ciro), e erguendo-se sob a luz, falará à multidão, ou a quem tiver ouvidos para ouvir. cambujia dirá aos grandes e aos pequenos, aos crentes e aos infieis (pois cambujia ama seus filhos sem distinção), que partirá no alvorecer do ano novo com um imenso exército e marchará até os confins do ocidente, onde, auxiliado pelas frotas do levante, derrotará o faraó e vestirá as coroas branca e vermelha do alto e do baixo egito, expandindo a arta até os limites do mundo. “caberá a mim” – assim suspirou gaumata –, “um pobre mago com a autoridade menor de vigia do fogo e recitador dos gathas, cantar o sermão que abre os ouvidos do povo à voz de cambujia”. gaumata não sabe (magos não são mágicos) se logrará cumprir o pesado encargo. nós sabemos, e a leitora ou o leitor agora também o sabe, que ele não logrará.

o mago cortou caminho pelas vielas de pasragada, e logo chegou à tenda de mandane, mais velha que ele de idade e de maga, e sabedora, mais que ele, do bom e do mau uso das ervas. gaumata ofereceu duas moedas de ouro e duas de prata (as quatro, cunhadas em sardis, traziam numa das faces a face de um leão) em troca de quatro ramos de haoma. recusando as moedas, assim falou mandane: “não há mais haoma. os médicos estrangeiros levaram tudo o que eu tinha”. a velha riu alto e cuspidou, estalando os beiços na boca desdentada. mandane caçoa

de gaumata, sabe que somente louco da haoma o mago terá ouvidos para ouvir, e só prenhe da haoma, sementes para semear seu sermão. mandane sabe que gaumata sabe que a haoma cresce nas montanhas zagros, a cinquenta parasang de distância de pasragada. sabem o mago e a maga que nem o cavalo mais rápido levará e trará gaumata de volta antes do meio-dia, a tempo de espremer os raminhos, chupar o suco, inebriar-se e vomitar as boas palavras na cerimônia real. sabem que só resta a gaumata colher – dozdidan! – a haoma no pairideza, o jardim real. o mago sabe que a maga sabe que o mago deve assaltar o pairideza, e por isso gargalhou debochada a maga mandane. mas mandane quer bem a gaumata. sente essa ternura clara e quente (e então verdadeira) que as velhas magas sentem pelos jovens magos. e assim consolou-o mandane: “o seu é um doce dilema. uma má ação menor na balança do juízo final, em nome da sublime arta, que (quem sabe?) o guiará pela ponte da reencarnação dos justos. você, que já sacrificou tantos bois, bodes, carneiros e cavalos diante do fogo, é hora de ofertar a própria carcaça aos cães, lobos, leões e abutres, feliz de saber que seus restos não irão contaminar a terra, o ar, as águas, o precioso fogo. essa, sim, é uma boa ação”. inclinando respeitosamente a cabeça, assim agradeceu gaumata, a um tempo assombrado e iluminado pelas boas palavras de mandane,

desde que as puras almas se uniram aos corpos sujos, angra mainyu, espírito da falsidade, pai da drauga, nos pede para praticar más ações. se atendemos ou não o pedido, é cá conosco. e no entanto, assim mostrou mandane, eis que pela má ação também se chega à arta. gaumata decidiu dedicar um bom pensamento a essa contradição do mundo, e cantou baixinho um poema, a que chamou “as quatro leis magas”. mal traduzindo do idioma antigo, soa mais ou menos assim:

“seja a primeira lei que o mago não fará mal ao império
ou permitirá que o império sofra algum mal
seja a segunda lei que o mago seguirá as leis do império
se ao fazê-lo não descumprir a primeira lei
seja a terceira lei que o mago protegerá a própria existência
se ao fazê-lo não infringir a primeira e a segunda leis
e seja a quarta e mais assombrosa e definitiva lei
que o mago buscará incansavelmente a arta
ainda que condene à morte o império e a si mesmo
e sacrifique ao fogo outras leis, mundanas ou magas”

o pairideza é logo ali, do outro lado da larga avenida, defronte da tenda da maga mandane. gaumata atravessou a rua e pulou a mureta que dá acesso ao primeiro dos quatro jardins, o jardim das plantas de fars. notou que um guarda o fitava. se quarenta chibatadas são a pena por invadir o pairideza, a condena por dozdidan uma só pétala de uma de suas milhares de flores, nativas ou exóticas, é a morte, “o que” – assim pesou gaumata – “não é menos que justo”. mas gaumata é um mago sofisticado para a idade. entoa um canto hipnótico e o guarda se distrai, aturdido com os versos da yasna. não mais enxerga gaumata, vê em seu lugar o jovem irmão de cambujia, o príncipe bardiya (bardiya é cara e focinho de gaumata, o que explica o sucesso do truque). invisível na pele de mago, o mago retoma a tarefa, impossível para o não iniciado, pois a haoma confunde a luz dos olhos leigos e se transplanta em rosa, tulipa, damasco ou romã, enquanto o obnubilado coletor colhe um ramo de rosa, tulipa, damasco ou romã pensando levar para casa um ramo de haoma. um mago (de qualquer idade) nunca é desse modo iludido, pois em vez de olhar para o luminoso corpo, em vez de mirar o alvo, o suave, o delgado ou o dourado da haoma, mira a falta de luz, a sombra que a planta faz. e a haoma não faz sombra, como só sabem não fazer os seres divinos. gaumata encontrou sem demora a desassombrada haoma e arrancou com displicência (com pressa) os quatro preciosos raminhos.

volta ligeiro para casa e se tranca lá dentro. talvez por contraste com a luz e calor da rua (é quase meio-dia), sente frio e enxerga mal. treme. espreme os quatro raminhos um a um, e de cada um sorve o suco, sôfrego. o líquido doce e fresco não arrefece ou adoça, mas queima o mago na garganta, no ventre, na pele, no cu. deita-se de costas, olhos abertos, vidrados no liso teto de barro. aos poucos o teto muda de textura e muda a textura do mundo, junto com o corpo transfigurante do mago. entram por seus ouvidos vozes vegetais, sopradas à haoma pelo criador (ahura mazda sempre preferiu falar às plantas do que entreter conversas ruidosas com humanos e outros bichos. e a planta, em geral muda nas lidas mundanas, ao penetrar na forma de polpa, suco, esporo ou vapor nos orifícios bucais, aurais, cutâneos e retais dos bichos, libera um potente berro. quando é a haoma que berra, e é um mago que escuta, esse berro é a arta).

gaumata não era gaumata. bebeu da erva da vida e nadou de volta pro mundo antes do mundo, onde as almas ainda não são plantas, bichos, gentes ou magos. e assim o mago sem corpo e sem vestes, em puro delírio de luz e calor, teve ouvidos para ouvir o que dizia a haoma, pois a febre transduziu as ondas etéreas em uma sopa sonora de dialetos acádios, expressões védicas, hinos sumérios e fórmulas

avésticas, e a sopa se espessou e em sua superfície grafaram-se cuneiformes elamitas, ideogramas índicos, silabários sânscritos e letras aramaicas, cozendo, na velha língua das montanhas do norte, o sermão que o mago gaumata deveria cantar dali a pouco, no mauseléu de curush. louco de êxtase, torpor, amor e lucidez, assim falou gaumata:

“cambujia, rei dos reis, é o portador da arta por desígnio divino, e é seu divino dever premiar os justos e castigar os dozdã, aqueles que dozdi cardán. dozdidan é o verbo da má ação, e, no entanto, é o verbo que se fez carne, e se fez e se fará e haveria de se fazer mais carne se mais carne houvesse neste império. saberá o rei do universo julgar? tudo o que ahura mazda nos pede são bons pensamentos, boas palavras, boas ações e a boa religião, nessa ordem. se penso mal de quem fala mal, ou falo mal de quem age mal, ajo eu melhor? que bem há de vir dos maus pensamentos? por que são melhores as más palavras que as más pessoas que elas apontam? que luz desvela as sombras do verdadeiramente dozd? todas as pessoas, em algum momento, dozdi cardán. pois elas dozdi cárdan, dozdi mi-conan, dozdi cardé búdan, e haveriam de dozdidan mais, se mais houvesse para dozdidan neste império. o tempo dirá se vivemos o império da arta, mas já sabemos (o sol no céu e o fogo no templo nos dizem) que vivemos o quarto e derradeiro império. são quatro e não mais que quatro os impérios da terra, enquanto a terra existir, pois quatro é o número da inteiridade do tempo, em que o fim torna ao início e o início retoma a jornada. são quatro as estações do ano, quatro as fases da lua, quatro as provas iniciáticas do mago, e quatro os passos da alma do justo até a ressurreição do corpo. e quatro é o número da inteiridade do espaço: são quatro os cantos do mundo, quatro os elementos, quatro as estrelas criadas em benefício da humanidade, e o pairideza é chahar bagh (quatro jardins), separando o que é cultivado, e portanto bom e verdadeiro, daquilo que é selvagem, e não pode ser nem verdadeiro, nem falso. por isso são quatro os impérios a reinar sobre a terra no tempo e no espaço, desde que a cidade expulsou a selva, e o selvagem se fez cultivado: o primeiro, o sumério, o segundo, o assírio, e o terceiro foi aquele babilônio que tombou sob as armas de curush, o grande, fundando o quarto e venturoso império haxamanish por vontade de ahura mazda, que quis o pairideza na terra, espelho da verdade do céu. será o quarto império anúncio do fim dos tempos, tal como o noruz anuncia, a cada ano, a transfiguração do mundo? diz-me, ó ahura mazda, haverá um quinto império? e o roubo, o encoberto, o escândalo, o iskander? ah, quinto império, sonho do rei da babilônia, vaticínio do profeta da judeia, retorno do encoberto... humm, o tigre é mais belo que o rio da minha tribo, mas o tigre não é o rio da minha tribo... oh!

macedônio iskândalo, salvador além da dor!... ai, o dozdkândalo, o salvatribo, o encobertigre, a judelônia, ai, o ladrão apanhado a colher flores no paraíso... fogo! a arta, a arta, a arta, a arta!”

o mago uivava e se contorcia em insana sapiência, calor, doçura e luz, quando ouviu, ou sonhou que ouvia, ou imaginou ter sonhado que ouvira, bater à porta. levantou-se, trôpego, e ao abrir, viu um lobo diante de si. era um homem, embora o mago, bêbado de arta, visse o que o homem verdadeiramente era: o lobo do homem. era daraiavahush (a quem os bárbaros chamariam dario, o grande), o altivo portador-da-lança do rei dos reis. assim falou daraiavahush:

“você morrerá agora, mago. mas antes me escute, pois é motivo para se alegrar. amanhã marcharei com cambujia para o egito. meses depois, no caminho de sua volta triunfal, o rei será envenenado, e seu irmão bardiya será coroado. então matarei bardiya, alegando que o príncipe é na verdade o mentiroso mago gaumata, que tomou seu lugar e usurpou o trono. serei aclamado rei dos reis, herói do império, campeão da arta e flagelo da drauga. você não estará aqui para ver, mas levarei o nome de ahura mazda e a boa religião aos quatro cantos do mundo. graças às suas duas mortes, a verdadeira e a falsa, meu reino na terra será o paraíso dos justos. que tal?”

gaumata não pôde responder, pois a lança de dario trespassava-lhe o peito.